



EDUCAÇÃO E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM “MINHA MÃE É NEGRA SIM”

Valeska Nogueira de Lima¹

André Augusto Diniz Lira²

Universidade Federal de Campina Grande

As obras literárias, na escola, podem ser importantes veículos da cultura, da reflexão sobre a ética nas relações sociais e de poder, como ainda na construção e reconstrução identitária. Nosso objetivo neste trabalho é analisar, através da obra “Minha mãe é negra sim” de Patrícia Santana (SANTANA, 2008), o lugar da educação (escolar e não escolar) na construção identitária da criança negra. O livro conta a história de um menino negro que enfrenta o racismo na escola ao realizar uma atividade e é impedido de retratar a imagem negra da sua mãe. Utilizamos como referencial teórico a psicologia cultural na perspectiva de Bruner (2001) e a análise textual dos discursos (ADAM, 2008; RABATEL, 2016). Verificamos que o livro procura apresentar ao leitor uma progressiva compreensão das relações raciais através da assunção da identidade negra, partindo da problemática do estigma da cor. Para tanto, a educação familiar e intergeracional são cruciais na construção do sentimento de pertencimento, contrapondo-se ao saber legitimado e autoritário da escola. Concluímos que a análise crítica do texto pode favorecer um olhar mais amplo sobre a formação educacional escolar e não escolar, em suas possibilidades e limitações, e sobre a necessidade da assunção da identidade negra (docente e discentes) a partir de saberes não legitimados (BOURDIEU, 1998).

Palavras-chave: Relações de Poder. Literatura infantil. Personagens negros.

INTRODUÇÃO

Ao considerarmos que no contexto atual a escola tem se configurado como espaço de disseminação de práticas discriminatórias com relação a determinadas marcas identitárias, atuando como uma identidade legitimadora promovida por um espaço disseminador de relações de poder, faz-se imprescindível a problematização para que o ambiente escolar seja transformado numa

¹ Mestranda em Educação - PPGEd/UFCG. email: valeskanlima@yahoo.com.br

² Prof. Doutor. Orientador - PPGEd/UFCG. email: andreaugustoufcg@gmail.com



agência promotora de ações que superem os paradigmas homogeneizadores, os estereótipos e as concepções excludentes.

Bourdieu (2003) enfatiza que a o sistema escolar apresenta-se como espaço de conservação social, assim como “oferece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural.” (p. 41). A escola, nesse sentido, tem sua base na afirmação de conhecimentos considerados universais e sendo assim, o currículo concede o conhecimento como simples acúmulo de fatos e conceitos que ganham legitimidade e adotam um caráter de verdades absolutas do saber. Assim, faz-se necessário repensar as práticas escolares para que se possa romper com a tendência homogeneizadora que prevalece em seu interior, promovendo o despertar de um olhar mais amplo sobre a formação educacional escolar e não escolar, em suas possibilidades e limitações, e sobre a necessidade da assunção da identidade negra (docente e discentes) a partir de saberes não legitimados.

Portanto, o presente texto pretende discutir brevemente a relação da Psicologia Cultural com a educação, considerando a influência da cultura na aprendizagem escolar a partir das colocação de Jerome Bruner (2001), outro aspecto relevante do texto diz respeito à concepção de escola como instituição social atua no sentido da construção da identidade, no entanto Castells (1999) nos traz os conceitos de identidade legitimadora, identidade de resistência e identidade de projeto, de forma que cada tipo de identidade resulta em aspectos distintos, a primeira dá origem à sociedade civil com suas instituições, a segunda identidade forma comunidades com propósito semelhante e enquanto a terceira produz sujeitos promotores de um novo projeto de vida na sociedade. A partir das consideração sobre identidade o texto ressalta a presença dos discursos na instituição escolar como promotores de legitimidade da escola e, sendo o discurso como algo presente nas narrativas, analisaremos um livro literário infantil intitulado *Minha mãe é negra sim!* de Patrícia Santana, a partir dos esquema proposto por Adam (2008) na Análise Textual dos Discursos, na análise abordaremos o lugar da educação (escolar e não escolar) na construção identitária da criança negra.

METODOLOGIA TEÓRICA E CONCEITUAL

Para Bruner (2001) a educação tornou-se institucionalizada e por isso age em conformidade com as demais instituições sociais, no entanto, o que a distingue das demais é o seu papel na preparação das crianças para que atuem ativamente nas outras instituições da cultura.

Ao perceber a influência da cultura na aprendizagem escolar, Jerome Bruner (2001) defende que a Psicologia Cultural apresenta relevantes relações com a educação, afirmando que a teoria da



educação consiste na intersecção entre a natureza da mente e a natureza da cultura. Assim, a questão que se coloca é entender a mente como criadora de significados, sendo constituinte e constituída e pela cultura.

As instituições podem se complementar, mas sempre haverá uma busca por distinções que ocasionem privilégio e poder, nesse contexto, podemos inserir a educação como instância que busca distinções, sob o domínio de seus próprios valores. (BRUNER, 2001).

A escola como instituição social atua no sentido da construção da identidade e autoestima da criança, pois as identidades por serem processualmente construídas, também podem ser formadas a partir da influência de instituições dominantes como a escola. Para Castells (1999) a identidade pode ser compreendida como o “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado.” (p. 22).

A construção da identidade tem sua origem e forma caracterizadas por Castells (1999) como identidade legitimadora, de resistência e de projeto. Assim, por identidade legitimadora compreende-se que é a que dá origem a um conjunto de instituições, entre elas a escola, e que visa reproduzir a identidade de dominação cultural em relação aos atores sociais. A identidade de resistência se refere à construção de uma identidade realizada por atores sociais contrários à dominação ideológica atuante, como maneira de reverter o julgamento de valores incumbidos na sociedade. Quando os atores constroem um novo projeto de vida que redefine sua atuação na sociedade trata-se da identidade de processos.

A considerarmos a escola como instituição promotora de uma identidade legitimadora que procura negar as outras identidades existentes em suas práticas educacionais, percebemos a construção de discursos que naturalizam sua legitimação. Os discursos são constituídos em relações de poder por intermédio das práticas discursivas nas quais as pessoas participam cotidianamente. Daí a relevância da percepção acerca do discurso que constituem as narrativas como modo de pensamento, além de ser um veículo que promove a produção de significados.

No que se refere às narrativas, Bruner (2001) ressalta que elas estão relacionadas “à forma como as crianças em crescimento criam significados a partir da experiência na escola os quais elas podem relacionar a suas vidas em uma cultura.” (p. 44). Nessa direção, a narrativa assume fulcral importância na coesão de uma cultura.

Diante das perspectivas elucidadas acerca da escola como promotora da identidade legitimadora que exerce seu poder por meio de discursos presentes também nas narrativas textuais

adotadas nas práticas escolares, enfatizaremos nesse momento a abordagem teórica da Análise Textual dos Discursos (ADAM, 2008).

A Análise Textual dos Discursos proposta por Jean-Michel Adam é uma abordagem teórica presente na Linguística Textual que contribui significativamente para o estudo do texto, de maneira que torne possível compreendê-lo como manifestação de um discurso, essa análise promove a articulação entre texto, discurso e gênero. Nessa perspectiva, convém ressaltar que a produção textual encontra-se inserida na interação social e nas práticas discursivas que compõem o texto, e sendo assim, as situações de interação proporcionam diversas possibilidades para que os enunciados sejam constituídos.

Ao percebermos o texto como uma unidade complexa, a Análise Textual dos Discursos permite a descrição dos encadeamentos dos enunciados, sob uma proposta concreta para a análise de textos, tendo em vista que Adam (2008) apresenta uma reflexão epistemológica, além de uma teoria de conjunto ao defender que o texto é uma estrutura de atos de discurso ligados entre si.

Em consonância com Kilian e Flôres (2012), existe uma multiplicidade de fatores que operam no texto e o transformam em um complexo significativo, assim, “a língua assume diferentes formas para promover a interação intersubjetiva, sociocomunicativamente situada.” (s/p).

A Análise Textual dos Discursos tem como aspecto central “teorizar e descrever os encadeamentos de enunciados elementares no âmbito da unidade de grande complexidade que constitui um texto.” (ADAM, 2008, p. 63).

Nesse sentido, Adam (2008) enfoca os aspectos de textualização que proporciona o dizer, assim como destaca a presença de fatores interdisciplinares que atuam sobre o texto/discurso.

Além disso, o autor postula a existência de cinco tipos de sequências de base, estas podem ser entendidas como unidades textuais complexas formadas por proposições-enunciados. Assim, as sequências de base correspondem à narrativa, descritiva, argumentativa, dialogal e explicativa.

Portanto, devido ao objetivo proposto neste artigo, que trata-se de analisar uma narrativa literária infantil, abordaremos algumas noções da Análise Textual dos Discursos para analisar uma sequência narrativa, que pode ser considerada por Adam (2008) como “a exposição de ‘fatos’ reais ou imaginários, mas essa designação geral de ‘fatos’ abrange duas realidades distintas: eventos e ações.” (p. 224). Para o autor a ação é caracterizada por um agente que provoca mudanças, enquanto o evento se dá por meio de causas.

Adam (2008) salienta que o grau de narrativização é decorrente da forma como a narrativa foi construída, assim, com base em algumas considerações de Todorov (1968) e Larivaille (1974),

Adam apresenta uma descrição da organização da trama com relação à narrativização. Para o autor a trama configurada em um esquema pode ser considerada uma estrutura hierárquica composta por cinco macroposições narrativas de base, designadas pela sigla Pn. Conforme o esquema defendido pelo autor, existem cinco momentos na narrativa, em que é atribuída a lera *m* para caracterizá-los, os momentos são: antes do processo (m1), o início do processo (m2), o curso do processo (m3), o fim do processo (m4) e depois do processo (m5).

Portanto, a proposta de Adam apresenta seu estudo em forma de esquemas que possibilitam perceber as operações de textualização que promovem a continuidade textual. Vejamos o esquema presente na obra *A Linguística Textual: Introdução à Análise Textual dos Discursos* (Adam, 2008), relacionado à sequência narrativa, sobre a qual realizaremos a análise do livro de literatura infantil *Minha mãe é negra sim!*

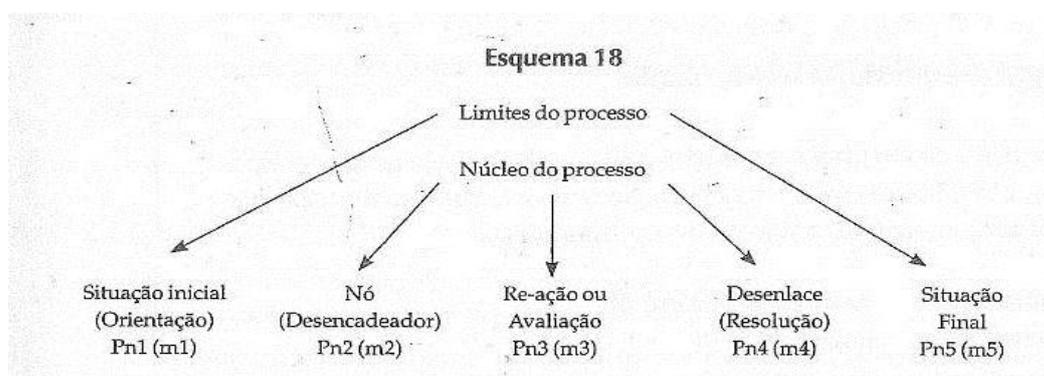


Figura 1 – Esquema 18 – Adam, 2008, p. 225

As obras literárias, na escola, podem ser importantes veículos da cultura, da reflexão sobre a ética nas relações sociais e de poder, como ainda na construção e reconstrução identitária, assim, convém enfatizar a função humanizadora da literatura, ou seja, “a capacidade que ela tem de confirmar a humanidade do homem”. (CANDIDO, 1972, p.81).

Dessa forma, ao consideramos a dimensão humanizadora da literatura, podemos refletir como personagens negros têm um significativo papel a desempenhar: dar condições para que o negro seja aceito e valorizado, tornando-se um cidadão crítico e consciente capaz de intervir em seu meio social e reagir às injustiças.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base na complexidade hierárquica da sequência narrativa, analisaremos o livro *Minha mãe é negra sim!* da autoria de Patrícia Santana e ilustração de Hyvanido Leite, publicado pela

Mazza Edições em 2008. O livro aborda a questão do preconceito racial ocorrido na escola no momento em que um menino negro é impedido pela professora de colorir o desenho da sua mãe usando um lápis preto e esse fato causa uma profunda tristeza na criança, sendo necessário que nas relações familiares esse dilema seja resolvido.

Inicialmente, ao observarmos o título *Minha mãe é negra sim!*, percebemos que ele está moldado numa afirmativa que demonstra a afirmação positiva de uma identidade, além do sentimento de pertencimento a determinado grupo racial. Já no que se refere ao oferecimento ou dedicatória do livro podemos encará-lo como um cotexto (Adam, 2008) que auxilia à percepção de que o texto irá tratar da desconstrução de estigmas relacionados à pessoa negra que, provavelmente, já aconteceu com alguém conhecido da autora. Sobre o cotexto, Adam (2008) o considera necessário, pois se “o cotexto está disponível e se ele se mostra suficiente, o interpretante não vai procurar [informações] em outro lugar.” (p.53). A dedicatória está escrita da seguinte maneira: *“Para um menino-homem, em um tempo distante, que um dia foi xingado de ‘Urubu de Parrela’. Para todos os meninos-enos, presentes desta vida.”* (SANTANA, 2008, p. 5).

A abertura do texto, colocada como situação inicial (Pn1 – m1) para Adam (2008) já se apresenta como o ponto desencadeador da narrativa (Pn2 – m2), esse fato decorre da possibilidade de momentos se perpassarem no texto ou até mesmo não se configurarem conforme a ordem expressa no esquema de Adam (figura 1). Ao mesmo tempo em que há a entrada no mundo narrativo, já nos deparamos com o “nó” da narrativa (Adam, 2008). Pois, conforme o texto

Desde o dia em que a professora de Artes disse a ele que pintasse sua mãe de amarelo, que ficava mais bonito, Eno ficou entristecido. Uma tristeza fininha que doía e doía, e ele sem saber falar por quê. Não havia entendido direito o porquê de a professora fazer aquela sugestão, quase exigência, pelo tom e pela dureza da sua fala. (SANTANA, 2008, p. 6).

Assim, nesse fragmento da narrativa é possível destacar que o discurso usado pelas elites brancas continua sendo usado socialmente para a construção da imagem do negro como inferior, quando a professora afirma que se pintasse de amarelo ficaria mais bonito, o discurso empregado reproduz a desigualdade étnica e atua como forma de exclusão dos negros por meio de práticas que os silenciam e causam o sentimento de baixa autoestima demonstrada pela tristeza expressa pelo menino. Nesse contexto, os discursos são constituídos em relações de poder por meio das práticas discursivas das quais as pessoas participam e dessa forma, a maneira como atuamos em uma conversa é permeada de intenções.

O momento do curso da narrativa (m3) é apresentado por Santana (2008) nas páginas subsequentes, em que “Naquele dia não quis desenhar mais nada nem colorir. A professora esperou

por seu desenho, que não veio. Não veio também aquele sorriso largo de todo dia, que ele lançava pra Dona Lia que ficava no portão vendo as crianças da escola indo embora.” (SANTANA, 2008, p. 8). Diante da colocação (ou mesmo imposição) da professora podemos considerar que a escola tem se constituído como espaço legitimador das relações de poder colocadas no meio social e dessa forma, o contexto escolar hierarquiza determinadas identidades como detentoras dos privilégios sociais, esse aspecto é defendido por Castelles (1999) ao colocar a existência da identidade legitimadora presente nas instituições para promover a reprodução da dominação cultural. Nesse sentido, a escola tem um importante papel na promoção da identidade da criança e conforme Santiago, Akkari e Marques (2013) esse papel acentua-se “na medida em que os processos de identidade e diferença se traduzem em operações de inclusão e de exclusão, em relações de pertencimento ou não pertencimento.” (p. 34).

Ao analisarmos o fragmento do livro apresentado acima, percebemos a constante presença da palavra NÃO que inicialmente foi expressão pela atitude da professora como forma de negação da identidade da criança negra e em seguida passou a se constituir como negação da própria criança com relação a si mesma ao negar a continuidade do desenho, ao não conceder o sorriso de todos os dias, ou seja, a negação da professora resultou na negação da identidade infantil, causando um impacto identitário no menino Eno que nem ele mesmo compreendia seu sentimento.

O acontecimento ocorrido na sala de aula causou um isolamento tanto escolar como familiar do personagem, de forma que Eno “chegou em casa mudo. Não correu para os braços do pai, que sempre o esperava na hora do almoço. Correu para o seu cantinho lá no terreiro. Cantinho feito com um monte de caixas de banana que ele pegava no sacolão da sua rua.” (SANTANA, 2008, p. 10). A prática da professora de Arte provocou um não reconhecimento na identidade do menino, que em seu esconderijo sentiu o lugar em que os negros são colocados na sociedade, lugar de silenciamento e de negação de si mesmo, como forma de tristeza que Eno sentia diante da situação em que ele se viu colocado na prática escolar da professora.

Na continuidade do processo narrativo, Santana (2008) coloca que

Era um esconderijo de menino. Menina não entrava, adulto também não. Somente os amigos e, de vez em quando, seu cachorrinho vira-lata Simba. Nem do Simba queria saber naquele dia. Não comeu o quiabo com angu que seu pai pôs no prato nem aceitou o bocado de paçoca deixado por tia Nini na última visita. (SANTANA, 2008, p. 12).

Nessa narração, mais uma vez notamos o emprego da expressão NÃO, nesse contexto, essa palavra se configura como o lugar social que o personagem ocupa e a sua consciência com relação ao mesmo. Assim, quando o texto afirma que não é permitida a entrada de menina no esconderijo é

porque o personagem já tem a noção do seu gênero enquanto menino, e a proibição da entrada de adulto demonstra seu entendimento acerca do lugar de criança.

Na voz do narrador da história, o isolamento de Eno também o distanciou do seu animal de estimação e o fez perder o apetite na hora da refeição, mesmo parecendo ser algo que ele gostava muito de comer.

No contexto familiar a atitude de isolamento de Eno e a sua recusa em ir à escola causou estranhamento nos seus pais que, até então, desconheciam o motivo pelo qual Eno havia mudado repentinamente seu comportamento. Os pais do garoto demonstraram sentimento de preocupação e dúvida diante da tristeza do menino. De maneira que,

O pai achou tudo esquisito, ai esperar pela mulher para ver se descobriam o motivo do banzo de Eno. Os dias foram passando, e cada dia pai e mãe estranhavam mais a tristeza do menino. Ele nem queria ir à escola. Um dia inventou dor de cabeça. Outro dia perdeu a hora. No outro apareceu com o uniforme todo molhado de leite. (SANTANA, 2008, p. 15).

O processo de discriminação por conta da cor da pele ainda permanece presente nas relações escolares e a maioria dos alunos negros são vítimas de estereótipos associados às imagens depreciativas do negro e tudo isso ocasiona um tenso processo na constituição da identidade negra, principalmente pelo fato de que seu padrão estético não é reconhecido e valorizado pela cultura escolar. Esse aspecto pode ser percebido no livro em análise no seguinte fragmento:

Amuado pelos cantos, Eno pensava no sentido de tudo. E não encontrava respostas. Ele era preto, seu pais e sua mãe também. Por que não podia pinta sua mãe de preto? Já ficava chateado com os apelidos que alguns meninos lhe davam, tudo coisa ou bicho. Mas a professora dizer a ele que pintasse a mãe de amarelo? Era demais! (SANTANA, 2008, p. 17).

A constante indagação do menino acerca da cor da sua pele e de seus pais aparece mais uma vez na história na voz do narrador. A animalização da figura do negro é algo recorrente no processo histórico de discriminação e é recorrente nos discursos racistas.

Assim, podemos afirmar que a construção de uma identidade positiva do negro é um processo difícil em nossa sociedade que, historicamente, ensinou o negro a negar a si mesmo para ser inserido na tessitura social.

Para Santiago, Akkari e Marques (2013), diante das diferenças presentes no seu cotidiano, “a escola não pode se omitir do papel de problematizar as relações de poder, assim como promover a negociação e diálogo com os processos de diferenciação.” (p. 41). No entanto, tanto a escola como grande parte dos materiais didáticos apresentam uma visão negativa e inferiorizada do negro que geralmente é associado à escravidão. Nessa direção, na narrativa, ao consultar no dicionário o

significado da palavra preto Eno só encontrou referências depreciativas e isso o entristeceu ainda mais e o deixou mais espantado com o sentido de ser negro na sociedade. Santana (2008) apresenta esse fato da seguinte maneira:

Depois de dias de silêncio, Eno pediu para ir à biblioteca do bairro. Seu pai, satisfeito pela pequenina mudança, deixou. Eno foi procurar no dicionário o significado da palavra preto. Lá não viu muita coisa boa, achou de novo tudo muito esquisito. Voltou para casa triste demais. Queria melhorar, mas não conseguia, ainda mais na quinta-feira, que era o dia de seu avô fazer a visita de sempre. (SANTANA, 2008, p. 18).

Ao se encaminhar para o fim do processo narrativo apontado por etapa do esquema de Adam (2008) como desenlace (Pn4), entra em cena um novo personagem que causa uma mudança no enredo da narrativa. Esse novo personagem é o avô de Eno, chamando Damião e que também é negro. No momento do encontro entre o menino e seu avô Eno resolve contar o que aconteceu,

Vovô Damião já estava sentado no banquinho, na frente de casa, com seu chapéu no colo e guarda-chuva do lado. O vô viu a tristeza do menino-neto. ‘Que banzo é esse, menino?’ Eno já sabia que banzo era uma tristeza de preto, vinha do tempo da escravidão, a saudade da terra, o medo da solidão em outros mares... Eno não suportava mais tanto silêncio e resolveu contar ao avô o motivo da agonia. (SANTANA, 2008, p. 20).

Nesse aspecto podemos pensar o desabafo de Eno como uma forma de denúncia com relação ao preconceito que ela havia sido vítima e que estava negando sua identidade, causando conflitos no seu entendimento de criança. Nesse ponto da história a autora nos mostra que a educação familiar e intergeracional assume uma dimensão relevante na construção da identidade da criança negra, pois no diálogo entre as gerações acontece a humanização das pessoas, por meio da transmissão de sentimentos e vivências repassados pela memória oral.

Conforme Santana (2008),

O avô ouviu tudo, pensou, mastigou vento, coçou a cabeça. E começou. Falava de uma forma que só avô sabe, dando uma aula mansa, contando do tempo antigo, falando das coisas de hoje em dia. Falou de racismo, das dificuldades que as pessoas negras enfrentaram e enfrentam para serem aceitas nesse mundo. (p. 22).

E ainda,

Eno ouvia, fazia perguntas. Vô Damião disse do orgulho que tinha de sua família, que lutava para viver com dignidade. E disse uma coisa a Eno, de que ele nunca mais se esqueceu: “A boniteza deste mundo está nas diferenças, diferenças de tudo quanto é jeito: de pessoas, de cores de gente e de flores, de tamanhos, de línguas e costumes, de sotaques, de jeito de ficar alegre e triste.” Eno era motivo de alegria para sua família, era um presente divino para todos. Não podia ficar triste para sempre. Naquela sexta-feira, Dia do Pai, dia de força e energia, resolveu voltar para a escola e enfrentar a professora. No dia anterior, ele tinha ficado até tarde

caprichando em seu desenho, desenho de mãe negra, como era a sua. (SANTANA, 2008, p. 24).

Nesse contexto, podemos perceber a escuta atenta do avô seguida de sua tomada da fala para desmistificar todas as dificuldades que o menino estava enfrentando, o sentimento de acolhida do menino por parte do seu avô, sua expressão de tranquilidade e alívio mostra que Eno encontrou no seu avô as respostas que ele estava buscando acerca da cor da sua pele e de seus pais no contexto da discriminação enfrentada por ele, e, diferentemente da professora, Damião mostrou uma identificação com Eno que possibilitou a reflexão acerca da cor de sua pele.

A problematização realizada pelo avô diante da busca identitária enfrentada pelo menino revela que o saber apresentado pelo avô de Eno se contrapôs ao saber legitimado pela escola, que torna os conhecimentos cristalizados como verdades inquestionáveis e que desconsidera a convivência das diferenças e das identidades dos sujeitos. Nesse sentido, a educação não escolar tem o poder de contribuir significativamente no reconhecimento da identidade negra ao desconstruir os estereótipos e contribuir na superação do racismo. Percebemos no texto da página 24 que Damião se coloca como narrador da sua fala, ao defender que “a boniteza deste mundo está nas diferenças.” (SANTANA, 2008, p. 24).

Em conformidade com o esquema colocado por Adam (2008) a situação final do processo narrativo (Pn5) é constituído na história do livro analisado inicialmente no momento em que

O sorriso voltou ao rosto para presentear Dona Lia. A professora, no corredor, recebeu o desenho feito com orgulho e dignidade: “professora, meu desenho de mãe, não pintei de amarelo, pintei de preto em negro como é a minha mãe, como é a jabuticaba, o ébano, a beleza da noite escura. Pintei com as cores de mim mesmo.” A professora olhou espantada, mas percebeu a seriedade da situação. E Eno completou: “Qualquer dia desses meu vô vem aqui der aula, pra todos aprenderem sobre a nossa história.” (SANTANA, 2008, p. 26).

Ao reconstruir sua identidade negra por meio do discurso valorativo do seu avô pautado em aspectos históricos, culturais e sociais, a história do livro ressalta que Eno voltou a sorrir, além de ter feito o desenho de sua mãe colorido com lápis preto para entregar à professora como forma de reconhecimento da sua história e da sua identidade. Nesse momento da narrativa, pela primeira vez, o menino se coloca como narrador diante da professora que o havia silenciado. Além disso, o menino que antes só percebia sentidos pejorativos na cor preta, agora consegue compará-la a elementos visualmente belos, como “(...) a jabuticaba, o ébano, a beleza da noite escura.” (p. 26)

A afirmação da sua identidade negra não aconteceu na escola, como era de se esperar dessa instituição, mas sim pela relação familiar, no contexto não escolar. Sobre isso, Paula, (2003) salienta que



Se por um lado as identidades sociais negras são discursivamente construídas como marginais, desviantes e inferiores, por outro, os negros podem reconstruí-las sobre outras bases expondo-se a outros discursos que mostrem as ideologias de uma sociedade branca e excludente, que predetermina papéis sociais diferentes para negros e brancos. (p. 183)

De acordo com Santana (2008), a professora recebeu o desenho realizado por Eno de maneira espantada, pois percebeu a seriedade com que o menino estava tratando a situação e esse fato nos chama a atenção para as práticas desenvolvidas pelo professor com relação aos aspectos étnico-raciais dos alunos que integram o cotidiano escolar, apontando a relevância desse profissional na construção e reconstrução da identidade da criança negra, além da contribuição que pode ser concedida à resistência aos mecanismos de exclusão e preconceitos impregnados na sociedade.

Logo em seguida tem-se o encerramento em que as ações da narrativa são finalizadas pela demonstração de aceitação e reconhecimento de si mesmo como negro pelo personagem principal, na certeza de que a sua cor não diminui a constituição enquanto ser social. “Na cabeça de Eno, tocava uma música que seu avô havia cantado para ele: ‘Eu sou negro sim, como Deus criou. Sei lutar pela vida, cantar liberdade, gostar dessa cor. Eu sou negro sim...’”. (SANTANA, 2008, p. 29).

A frase final do fragmento acima pode ser compreendida como um complemento ao título do livro, de forma que ao defender *Minha mãe é preta sim!*, o personagem enfatiza que *Eu sou negro sim...* Mostrando que ao afirmar a identidade racial da sua mãe, ele também está se afirmando enquanto negro de uma maneira positiva e valorativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de Análise Textual dos Discursos proposta por Adam (2008) contribui significativamente para o estudo do texto enquanto manifestação de um discurso, além disso, seu estudo em forma de esquemas possibilitam perceber as operações de textualização que promovem a continuidade textual, a partir da qual foi realizada a análise do livro de literatura infantil *Minha mãe é negra sim!*

Ao longo da história presente no livro analisado percebemos a presença de uma construção discursiva que, inicialmente, nega a identidade negra da mãe do personagem sob o artifício da produção de um desenho em sala de aula, essa negação foi realizada pela professora branca que representa a escola como legitimadora de uma identidade socialmente constituída como detentora de privilégios sociais. O constante questionamento do personagem Eno diante de sua identidade e a valorização dada por seu avô à cultura negra, denotam a presença de uma identidade de resistência à imposição realizada pela professora, por encontrar-se em uma condição estigmatizada, o



personagem após interação com um membro da família constrói “trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes do que permeiam as instituições da sociedade.” (CASTELLS, 1999, p. 24). Constatamos também, no movimento narrativo do livro, a construção de uma identidade de projeto em que ao valorizar sua cultura e realizar o desenho da sua mãe e pintá-lo com a cor preta o personagem constrói uma nova identidade que permitiu ao menino redefinir sua posição diante da professora e ao sugerir a presença do seu avô na escola para falar sobre a identidade negra, o personagem atua na busca por uma transformação social que rompa com os estereótipos preconceitos voltados à pessoa negra construídos historicamente.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. *A Linguística Textual: Introdução à Análise Textual dos Discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.

BENTES, Anna Christina. LEITE, Marli Quadros. (orgs). *Linguística de texto e análise da conversação*. Panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice. CATANI, Afrânio. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRUNER, Jerome. *A cultura da Educação*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: **Ciência e Cultura**. São Paulo. USP, 1972.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORREIA, Mônica F. B. A constituição social da mente: (re)descobrimo Jerome Bruner e construção de significados. *Estudos de Psicologia*. n.8. 2003.

KILIAN, Carina. FLÔRES, Onici Claro. Análise textual do discurso: uma introdução ao modelo proposto por Jean-Michel Adam (2011). *XII Seminário Internacional em Letras*. Língua e Literatura na (pós)modernidade. 2012.

PAULA, Rogéria Costa de. Construindo consciência das masculinidades negras em contexto de letramento escolar: uma pesquisa-ação. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita. *Discursos de identidades*. Discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

SANTANA, Patrícia. *Minha mãe é negra sim!* Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

SANTIAGO, Mylene Cristina. AKKARI, Abdeljalil. MARQUES, Luciana Pacheco. *Educação Intercultural*. Desafios e possibilidades. Petrópolis: Vozes, 2003.